

## UM

Estou aqui em cima e acolho os que sobem ao monte.

Alguns têm um objetivo, outros simplesmente vagueiam pelos bosques. Há tantos caminhos para subir, o que passa aqui em frente é apenas mais um entre muitos, talvez o mais variado. Alguns seguem adiante, sem sequer olharem para mim, outros param, intrigados.

— Que lugar é este, um abrigo, um turismo rural?

Não percebem.

— Tenho de pagar alguma coisa? — perguntam-me se, além da água, lhes ofereço vinho.

— O preço é oferta do anfitrião — respondo.

Alguns sorriem, fazem um esforço para compreender; outros bebem apressadamente e afastam-se sem se voltarem para trás, como se perseguidos por um perigo invisível.

Porém, às vezes as pessoas voltam. Não voltam pelo monte, mas por esta sala em que arde o lume. Poucos admitem ter vindo de propósito, arranjam desculpas: «Ia a passar por acaso... Andava aqui perto à procura de cogumelos... Queria subir a outra encosta, enganei-me no caminho...»

A maior parte daqueles que voltam são os que aceitaram a água e o vinho com um sorriso. Aqueles que fugiram é mais raro voltar a vê-los e, se o fazem, demoram mais tempo a justificar-se: «Não tenho tempo a perder!»

— Então porque veio? — riposto. — Este é o lugar onde o tempo se suspende.

Alguns, pelo contrário, chegam e atiram-me tudo aquilo que lhes vai no coração.

— Console-me, padre — disse-me certa vez uma senhora, no final da sua história.

— Não sou padre — respondi-lhe.

Levantou-se de um salto.

— Então porque lhe contei tantas coisas?

— Não sei.

— Se calhar você é um vigarista — gritou ao sair.

— E o que queria que eu fosse? — repliquei, mas as minhas palavras fizeram ricochete nas tábuas da porta fechada com violência.

Muitas vezes, durante o verão, quem vê as ovelhas pergunta-me:

— Vende queijo? Daquele bom, genuíno?

— Não sei se é bom — respondo —, mas se quiser dou-lho a provar.

Sentem-se mal quando digo que o produzo para uso pessoal. Para compensar, ofereço-lhes um bocado para levarem para casa.

— Está bem, mas vou pagar-lho — respondem muitos.

— Não é necessário.

— Faço questão.

— Está bem, se fica mais satisfeito assim...

— Mas o senhor não é pastor.

— Quando estou com as ovelhas, sou pastor.

— De acordo, mas não vive disto.

— Quando como o queijo, vivo disto.

— E quando não é pastor, o que faz, qual é a sua profissão?

— Produzir as coisas que me servem para viver.

— Tudo aqui? — comentam, espantados. — Mas não é uma verdadeira profissão!

Alguns sorriem:

— Que sorte que tem! Como eu gostaria de também viver aqui no alto!

Quando se vive longe do mundo é fácil atrair as fantasias das pessoas mais frágeis.

Nos primeiros tempos havia um reformado que vinha frequentemente aqui acima. Chegava com passo rápido e falava com igual rapidez. Não cumprimentava e não entrava em casa. Assim que me via começava a gritar: «Sei quem você é, é um pervertido, que está aqui em cima para organizar as suas orgias! A mim não me engana, não, a mim não. Por que razão alguém se isola, se não é um animal? Os homens normais têm mulheres e filhos, não ficam no bosque à espera das vítimas! Pouca vergonha! Seu porco!», gritava, e depois desaparecia novamente no bosque, acompanhado pelo demônio da sua obsessão.

Nos primeiros tempos eu não conseguia aceitar esta necessidade contínua de encontrar uma definição. Não existimos se não houver um adjetivo, um nome que ajude a situar-nos em qualquer categoria. Depois habituei-me, percebi que esta forma de classificação faz parte da natureza do homem. Se sei quem tu és, sei como comportar-me em relação a ti, mas se és um homem sem laços e sem uma atividade, já não sei o que pensar. És nudez e apresentas-te como nudez. E a nudez causa escândalo.

Todos nós temos uma definição que nos permite existir e esta definição é a nossa jangada, graças a ela navegamos na impetuosidade dos dias, graças a ela somos capazes de chegar ao estuário sem enlouquecermos.

## DOIS

Cara Nora, ontem caiu o primeiro grande nevão.

À tarde saí e fui até ao bosque. Com a neve tudo muda, a natureza fica como que mergulhada numa espécie de entorpecimento. Mesmo o ruído mais próximo parece provir de longe. Mais que os ruídos, são os ecos e toda a misteriosa vida dos seus habitantes que, de repente, se manifesta. Além, duas lebres passaram a correr uma atrás da outra, mais adiante é a corrida do esquilo, debaixo daquele pinheiro uma marta parou e inverteu o sentido em que seguia.

Por toda a parte há pegadas, as pegadas dos animais e as minhas. Ontem, por um momento, imaginei que junto às minhas também estavam as tuas.

Lembras-te da nossa primeira grande excursão à montanha? Tínhamos armado a tenda, uma pesada tenda checoslovaca comprada com as minhas poupanças, num planalto mesmo abaixo das rochas dos cumes. À nossa volta havia pinheiros e uma grande extensão de rododendros. Era setembro. Em vez de dormir passámos a noite a falar. O céu encontrava-se extraordinariamente límpido e, acima de nós, a lua cheia. Ao raiar da aurora quiseste sair. Parecia-te teres ouvido o grito duma águia, não querias perder a oportunidade de ver a primeira águia da tua vida.

Eu tinha-te seguido, havíamos-nos sentado numa rocha. A ave de rapina aparecera quase de imediato. Na luz límpida daquela madrugada gelada ela planava com as asas abertas, repetindo o seu grito de vez em quando. Depois, de repente, aproveitando uma corrente ascensional, tinha subido bruscamente e desaparecera da

nossa vista. Então abraçaras-me com força, o nariz gelado, as mãos geladas, os primeiros raios de sol surgiam no seu esplendor, para além dos cumes gloriosos.

— Existe o «para sempre»? — tinhas-me perguntado.

Eu abraçara-te ainda com mais força. Sob a camada de blusas, camisolas e anoraque, eu sentira vivo e quente o teu corpo ágil.

— Existe apenas o «para sempre» — respondera-te eu.

Por outro lado, a noite, aqui em cima, é uma tinta que devora todas as coisas, somem-se as árvores, desvanece-se o horizonte do vale, desaparecem o estábulo, o trenó, a paliçada da horta. Extinguem-se as formas e mudam os ruídos. Os pintarroxos, os melros, as gralhas e os corvos retiram-se para os ramos gelados. Na palha, os cordeiros encostam-se muito às mães deixando de balir, só a respiração os mantém unidos — duas pequenas nuvens de sopro — e um leve vapor solta-se também da sua lã, sobe no ar como o solo de março quando a neve se derrete e o céu aquece todas as coisas. A noite tem os seus habitantes e são habitantes sem rosto. O piar insistente do mocho, a voz aguda da coruja. Ao longe, de vez em quando ouve-se o uivar solitário dos lobos alternado com o regougar seco das raposas em redor das casas. Quando depois a escuridão se dissolve, no solo gelado ecoa o ruído dos veados e o forte bramido que antecede o seu acasalamento.

Assim que a aurora começa a anunciar-se, aqueço água no fogão e, com o púcaro quente, vou até ao curral. As ovelhas ainda estão todas encolhidas na palha, umas encostadas às outras para manterem o calor. Vivem comigo há anos e cada uma delas tem um nome, reconhecem a minha voz e respondem ao meu chamamento com suaves balidos. Os filhos, com o pelo ainda macio, descansam acoorados entre as pernas das mães, com o focinho dão pancadinhas à mãe e ela retribui lambendo-lhes a cabeça. Mais tarde, quando eu lhes abrir a porta, sairão aos tombos e brincarão em corridas desenfreadas subindo e descendo de um carrinho de mão virado ao contrário no meio do pátio.

Derreto a água gelada no bebedouro com a que levei de casa e encho de comida a manjedoura. Ainda estão confortadas e não pare-

cem particularmente interessadas. Sento-me então no banquinho da ordenha e fico um bocado junto delas, em silêncio.

De um ou outro lugar, no meio da palha, corre um rato e, na janela, surge um rabo-ruivo cheio de frio. Os vidros são chapas de gelo e a minha respiração, como a das ovelhas, forma nuvens de vapor.

Estar com os animais dá-me uma grande paz. Entre a palha e o calor, há o sentido de cuidar e o da confiança.

Se calhar nunca te disse, mas estar com os animais foi o meu primeiro desejo desde menino. «Quando for grande hei de ter um estábulo!», tinha eu dito certa vez aos meus pais. Na sala fizera-se um silêncio súbito — em geral os rapazes desejam automóveis, aviões ou sonham ser heróis. «Queres ser criador?», perguntara o meu pai, estupefacto. A minha mãe olhara-me perplexa: «Ter uma vaca?»

— Sim, uma vaca e um vitelo, e também ovelhas. — Os meus pais nunca mais tinham voltado ao assunto e também eu, dado o pouco entusiasmo que suscitara, tinha continuado a manter aquele desejo no silêncio do meu coração.

Não lhes tinha contado que um dia, ao passear de bicicleta pelos campos em redor da casa dos avós, tinha entrado por acaso para bisbilhotar aquilo que me parecia ser umas ruínas e, inesperadamente, me encontrara diante de uma vaca. Devia ter parido poucas horas antes; aos seus pés, com os olhos ainda espantados de quem vem de um outro mundo, estava deitado o vitelinho. Ao ver-me, a vaca soltara um forte sopro pelo nariz, como que a dizer-me: fica afastado, não te aproximes do meu pequenino; olha, mas não toques. Não havia ameaça no seu olhar, antes majestade, orgulho, determinação. Tinha o focinho húmido, os olhos com longas pestanas — negros, brilhantes, profundos.

Estávamos só nós os três ali dentro, mas era como se, entre os nossos três olhares, se tivesse unido o universo inteiro, como se a fragmentariedade da minha vida, por um instante, se tivesse recomposto.

Havia espanto, e beleza, e força.

Havia dádiva, atenção e calor.

Havia as perguntas e as respostas, todas reunidas num só sopro.

Por isso, ao voltar para casa, com a ingenuidade dos meus dez anos, tinha proclamado triunfante que havia de ter um estábulo.

Quantas coisas de mim nunca te disse! Éramos tão jovens, tão cheios de entusiasmo pelo tempo que estávamos a viver. Havia o presente — o tempo do nosso amor — e o futuro, que seria aquilo que nos anos vindouros haveríamos de construir juntos: o trabalho, a casa, os filhos, seguindo a aspiração de deixar o mundo melhor do que como o tínhamos encontrado. Tudo aquilo que ficava para trás não tinha qualquer importância, estávamos certos de que a nossa paixão e o nosso amor superariam qualquer obstáculo.

Tu gostavas de comparar a nossa vida ao curso da água. «Agora somos um ribeiro de montanha», dizias, «corremos impetuosos, saltando entre as pedras, criando cascatas, o ruído do nosso curso enche o ar desde os cumes até ao vale. Porém, um dia tornar-nos-emos rios de planície, calmos, cheios, preguiçosos, e deixaremos de produzir sons, tirando o sussurro que faz o vento quando acarícia os salgueiros.»

— Será enfadonho? — perguntava-te eu.

— Não, será natural.

Assim, com frequência, à noite na cama, com os olhares voltados para o teto, brincávamos ao jogo «que rio queres ser?». «Queres ser o Dora Baltea?» — perguntava-te, e tu escolheavas nos cobertores, gritando: «Não! O Dora Baltea, não.» Parecia-te demasiado pequeno, modesto, e depois detestavas a ideia de acabar no Pó. «Não quero ser um afluente», dizias, «quero ser um rio que se lança diretamente no mar.»

A tua paixão era o rio Amazonas. Passavas horas a descrever-me a fauna extraordinária que observavas à tua passagem: borboletas, papagaios e os golfinhos rosados que saltavam no teu curso.

Por outro lado horrorizava-te alegremente o meu desejo de querer ser o Volga. «Mas como é possível? Aí há estepes, neve e blocos de gelo.» Depois espicaçavas-me: «Talvez porque, na verdade, és o Homem de Gelo.»

— Preferias um rio africano? — respondia eu, abraçando-te.

Só uma vez, quando te propus o Timavo, é que fizeste uma expressão triste.

— O Timavo não! É um rio cársico. Não me agradam as coisas que desaparecem.

— Nem a mim. E, depois, por que razão eu havia de desaparecer?

— Talvez porque sou enfadonha — tinhas respondido, desatando a rir.

— Tu é que vais acabar por te fartares de mim. — Com efeito, eu sabia que não tinha um pingão de fantasia.

— Todos os homens são enfadonhos — suspiravas. — Sabemos isso desde os tempos de Adão. E quanto mais envelhecem, mais aborrecidos se tornam.

— E então?

— Nunca permitirei que te tornes assim.

— E se aos domingos eu ouvir na rádio o relato de futebol, passeando contigo de mãos dadas?

— Nesse caso fugirei para bem longe, não serei rio, mas vapor. Um dia acordarás e, no meu lugar, encontrarás o leito vazio.

Nos longos invernos de solidão muitas vezes perguntei a mim mesmo como seria o mundo à minha volta se ainda fosse visto pelos teus olhos. Quando eu dizia «sou um homem enfadonho» estava a falar verdade. Para mim tu eras como um encantador de serpentes, tocavas e eu saía do cesto. Mas, sem a tua música, os meus pensamentos ficavam limitados como os de um réptil.

A tua fantasia era capaz de tornar maravilhoso mesmo o facto mais banal. Eu, pelo contrário, sempre tive um olhar inquisitivo. Em vez de construir a realidade, prefiro meter-me em mim mesmo, mexer a terra, escavar, avançar seguindo o olfato e o tato, para procurar descobrir o que se esconde sob a banalidade dos dias. Por esta razão, creio, fui um bom médico. Por isso, talvez, também aqui em cima nunca estou realmente sozinho, os pensamentos fazem-me companhia dissecando todas as coisas com a precisão meticulosa de um entomólogo.

Entre uma e outra árvore entrevejo, lá em baixo no vale, a noite dos homens. Algumas casas sobem pelos contrafortes do



monte — pequenas luzes que brilham no escuro, atravessadas de quando em quando pelos faróis dos automóveis. Mais abaixo as luzes adensam-se, misturando-se com as dos candeeiros. Os ruídos, da noite dos homens, poucos chegam até aqui. Uma buzina, uma travagem, o eco longínquo de algum sino. Durante o inverno conseguiria distinguir os dias da semana apenas pelos sons que aqui chegam. Durante cinco dias o roncar descontínuo dos carros cessa ao escurecer, pelo contrário, à sexta-feira e ao sábado, depois do jantar, o barulho intensifica-se, com picos de alarido isolado, até que amanheça de novo. Comprimidas no mesmo automóvel, as pessoas dirigem-se para as discotecas e para os bares da planície. Divertir-se, parece então o único imperativo dos tempos livres.

Falta um mês para o Natal. Daqui de cima consigo avistar a grande Estrela de Belém na rua principal da vila e toda a sequência de pequenas lâmpadas brancas que a antecedem e a seguem, ligando-a a outras estrelas. Um cortejo colorido de luzes enfeita também os prédios, as vivendas, as casas de quintas. Abetos brilham no escuro como semáforos enlouquecidos ao lado de simples arbustos, roseiras ou macieiras cobertos de luzes. Quem não tem árvores cobre de luz os balaústres, as grades, os parapeitos. Tudo aquilo que está envolto numa discreta obscuridade brilha nestas noites, iluminando todo o espaço em redor.

Quando a noite começa a devorar as tardes, de repente descobre-se a nostalgia da luz, e então os vales, as colinas e os campos transformam-se no sinal dessa falta. Luzes cada vez mais espalhafatosas, mais vistosas transformam o ambiente acumulado no inverno na alegre visão de um banquete.

O que se festeja? Já ninguém sabe, ninguém se lembra.

Mais que uma celebração, parece uma forma de resistência. É uma resistência à escuridão, uma oposição àquela noite misteriosa que está no fundo de cada um de nós, àquele negrume que, mais cedo ou mais tarde, nos espera a todos.

É fácil, durante os dias de primavera e verão, afastar este espectro. Tudo é luminoso. Mas quando o Sol se retira e a escuridão desce com os seus dedos gelados, quando esses dedos nos tocam, recor-

dando a nossa fragilidade, tudo se torna mais difícil. Somos frágeis bolas de cristal, basta um choque mínimo para nos estilhaçar. Quanto tempo é necessário para que estes estilhaços voltem a ser a bela esfera iridescente? Nenhum tempo que saibamos, porque nenhum fragmento é capaz de voltar a ser forma. A luz é então a nossa companhia, a nossa amiga, o nosso antídoto. Estaremos com ela até que as tardes timidamente se tornem mais claras, até que os pássaros, interrompido o silêncio do inverno, voltem a encher o ar de gorjeios já repletos de duelos amorosos.